FEIJÃO

Atual equilíbrio no mercado deve-se à redução do consumo

O mercado do feijão tem passado por mudanças tão acentuadas que, em pouco mais de um ano, o equilíbrio entre a oferta e a demanda do produto mudou drasticamente, passando o feijão, de gênero alimentício ruidosamente disputado, a comestível de oferta relativamente folgada. No entanto, esta alteração não deve ser creditada somente ao ganho de 30% havido na produção entre os anos-safra 1979/80 e 1980/81, que só fez trazer de volta a oferta ao seu nível normal. Na verdade, a causa primordial prende-se à retração acentuada que se verificou no consumo deste produto, num espaço de tempo relativamente curto.

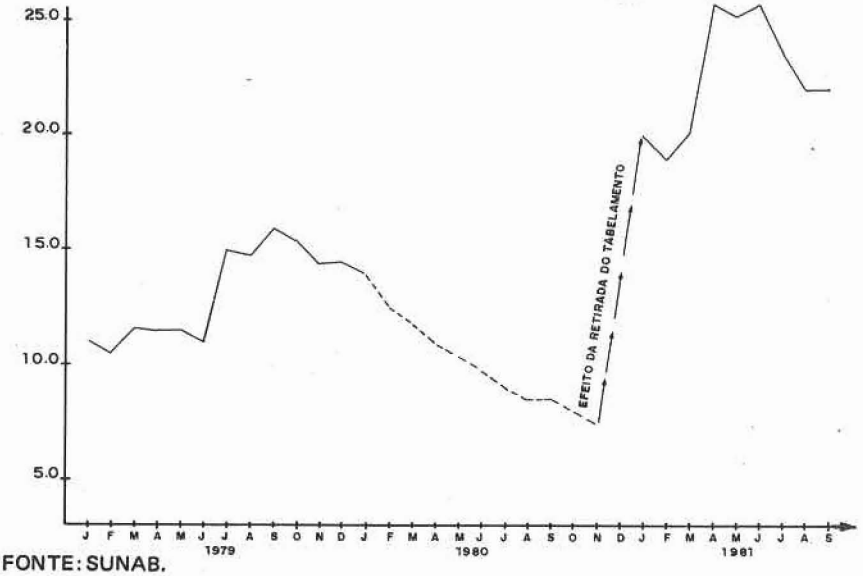
No ano passado, a produção de feijão foi de apenas 1,895 milhão de t, 27% das quais compuseram-se de feijão preto. A este total foi adicionada a importação de 35,9 mil t do produto, que, somadas ao estoque, representaram uma oferta total da ordem de 2,235 milhões de t. O consumo, por sua vez, fora estimado, no início do ano-safra, em cerca de 2,5 milhões de t. Na verdade, além da falta física de cerca de 265 mil t de feijão, o ano de 1980 careceu de uma política de abastecimento que buscasse, na impossibilidade de um pleno atendimento ao consumo, pelo menos um melhor escoamento, tanto da oferta doméstica, quanto do produto importado.

O significativo peso do produto no cálculo do ICV, num ano em que a inflação, já nos seus dois primeiros meses, alcançava 10,4%, levou o governo a tabelar o preço do feijão preto, no Rio de Janeiro, em Cr$ 23,60/kg, de janeiro a agosto. Conforme pode ser apreciado no Gráfico 1, o preço real deste produto sofreu erosão, entre janeiro e novembro do ano passado, da ordem de 61%.

A precariedade do abastecimento de feijão naquela época (inclusive com o reaparecimento do mercado negro do produto) levou as autoridades não só a importarem feijão em plena época de plantio da safra das águas 1980/81, como, também, a manterem a irrealidade do mercado, colocando este produto à venda, de setembro a novembro, por Cr$ 25,00/kg. Ou seja, ao invés de se eliminar o tabelamento, de modo a deixar o preço se ajustar de acordo com as forças vigentes no

GRÁFICO 1

*RIO DE JANEIRO – Feijão Preto, Preço Médio Mensal *Real ** Varejista*
Janeiro de 1979 a Setembro de 1981



FONTE: SUNAB.
* Não houve informação para o mês de dezembro de 1980.
** IGP, col. 2 para janeiro de 1979.
(- - - corresponde às épocas de tabelamento).

mercado, manteve-se o artificialismo de preço.

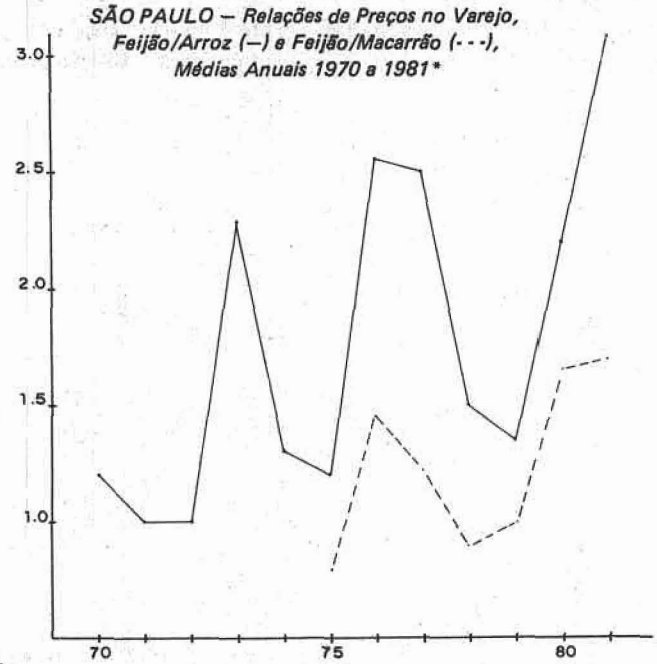
Ressalte-se, também, que a conturbação do abastecimento foi tão grande que, das 35,9 mil t importadas de feijão, em 1980, o governo não chegou a distribuir 21,9 mil t, tamanhas eram as dificuldades de venda enfrentadas pelos estabelecimentos varejistas. Desta forma, entre agosto e dezembro do ano passado, o preço real recebido pelo produtor paranaense de feijão preto revelou aumento acumulado de 82%, enquanto que, em igual período de 1979, houve depreciação de 13%.

Esta distorção criada no mercado pode ser visualizada no Gráfico 2: enquanto a quantidade de feijão que, teoricamente, poderia ser adquirida com o salário mínimo, no ano passado, ampliou-se com o tabelamento, o consumo real caiu assustadoramente. Uma vez retirado o tabelamento, o preço do produto passou a refletir as condições reais da oferta, permitindo um novo equilíbrio de mercado, com o desaparecimento das longas filas do ano passado. Foi graças a esta considerável alta dos preços que, este ano, não chegou a se verificar falta do produto, como indicavam as primeiras estimativas de safra.

O inquietante, contudo, é que *esse equilíbrio entre oferta e demanda* esconde uma forte redução do consumo. De fato, o consumo de feijão, para o ano-safra 1979/80, inicialmente previsto pelas autoridades governamentais em 2,5 milhões de t, ficou em apenas 2,2 milhões de t, em razão da menor oferta do produto. Ou seja, a disponibilidade *per capita*, que fora de 25,7 kg em 1978 e de 24,4 kg em 1979 (ver evolução da produção nacional no Quadro 1), caiu para cerca de 19,4 kg ano passado, queda esta imediatamente acompanhada por aumento do preço do produto no mercado livre paralelo. Da mesma forma, e como se pode ver no Quadro 2, a manutenção destes elevados preços durante 1981 refletiu-se no consumo do ano-safra 1980/81. Assim, mais uma vez, contrariando as expectativas governamentais de que o consumo atingiria o nível de 2,5 milhões de t, este alcançou apenas 2,4 milhões de t, volume correspondente a uma disponibilidade de 20,4 kg, *per capita*. Tudo indica, portanto, que, *presentemente, as classes de renda mais* baixa estejam tendendo, cada vez mais, à substituição da leguminosa por alimentos de preços mais acessíveis.

GRÁFICO 2

*SÃO PAULO — Relações de Preços no Varejo, Feijão/Arroz (—) e Feijão/Macarrão (- - -), Médias Anuais 1970 a 1981**



*janeiro a junho.
FONTE: IEA.
Obs.: Não há disponibilidade de dados de macarrão para o período 1970/74.

No Gráfico 3, encontra-se a evolução das relações de preços feijão/arroz e feijão/macarrão no mercado varejista paulistano, escolhido como amostra não só em virtude da disponibilidade de dados, como pelo fato de o preço do feijão naquela praça não sofrer controle governamental. Observe-se que, de há muito, a relação feijão/arroz encontra-se distante da unidade, tendo-se aproximado, no primeiro semestre deste ano de 3,0. Paralelamente, mesmo com a retirada gradual do subsídio ao trigo, que vem causando elevação paulatina do preço das massas alimentícias, a relação feijão/macarrão, referente ao primeiro semestre deste ano, acusa elevação considerável em relação ao valor médio observado para o ano passado. A evolução do preço real do feijão, no mercado paulistano, nos últimos dez anos (Quadro 3), mostra quão suscetível às alterações de produção é o preço deste alimento.

Em suma, a baixa disponibilidade do produto em 1979/80 e os conseqüentes aumentos do preço do feijão, assim como lançaram as bases de um aumento da área cultivada para a safra 1980/81, contribuíram também para que o país possa, hoje, iniciar a safra 1981/82 com 80 mil t de feijão em estoque, sem, praticamente, haver recorrido a importações este ano.

No entanto, as condições em que se dará a entrada da próxima safra das águas ainda são nebulosas. A expectativa governamental, otimista, é de que a colheita some 1,465 milhão de t, o que, aliado ao estoque inicial, significará uma oferta de 1,545 milhão

QUADRO 1

BRASIL – Produção de Feijão (em t) – 1960 a 1981

Ano	Quantidade	Índice
1960	1.731.000	100.0
1961	1.745.000	100.8
1962	1.709.000	98.7
1963	1.942.000	112.2
1964	1.951.000	112.7
1965	2.290.000	132.3
1966	2.148.000	124.1
1967	2.553.577	147.5
1968	2.418.877	139.7
1969	2.199.974	127.1
1970	2.211.449	127.8
1971	2.463.767	142.3
1972	2.676.225	154.6
1973	2.210.824	127.7
1974	2.238.021	129.3
1975	2.270.747	131.2
1976	1.842.262	106.4
1977	2.327.200	134.4
1978	2.390.000	138.1
1979	2.298.300	132.8
1980	1.895.200	109.5
1981	2.455.000	141.8

FONTES: IBGE, CFP.

QUADRO 2

FEIJÃO – Estimativa de Oferta e Consumo no Brasil (em 1.000 t)

Itens	Safra 1977/78 Total	Safra 1977/78 Preto	Safra 1978/79 Total	Safra 1978/79 Preto	Safra 1979/80 Total	Safra 1979/80 Preto	Safra 1980/81 Total	Safra 1980/81 Preto
Estoque Inicial (1º/10)	438,0	–	445,8	23,5	304,0	22,0	21,9	19,4
Produção Total	2.390,0	702,0	2.298,3	674,5	1.895,2	512,9	2.455,0	665,0
1ª Safra	1.294,5	540,0	1.150,5	472,2	1.000,0	365,2	1.274,0	510,0
2ª Safra	1.095,7	162,0	1.147,8	202,3	895,2	147,7	1.181,0	155,0
Importação Líquida	7,6	1,5	3,6	1,5	35,9	33,4	3,9*	2,1*
Suprimento Total	2.835,8	703,5	2.747,7	699,7	2.235,1	568,8	1.480,8	686,5
Consumo	2.390,0	680,0	2.443,7	677,5	2.213,2**	548,9	2.400,0***	672,0
Estoque Final	445,8	23,5	304,0	22,0	21,9	19,4	80,8	14,5

FONTES: CFP, CACEX.
* Janeiro a Junho.
** Havia sido previsto consumo de 2,5 milhões de t para o ano-safra 1979/80.
*** Havia sido previsto consumo de 2,5 milhões de t para o ano-safra 1980/81, e de 700 mil t para o feijão preto, que deve ter sido de somente 672 mil t.

de t, ou seja, cerca de 61% do consumo previsto para o ano-safra 1981/82. A inevitável tendência de queda dos preços à época de oferta do produto novo, fortalecida pela queda do consumo observada este ano, poderá provocar uma queda, em termos reais, dos preços recebidos pelos produtores. Caso isto venha a ocorrer, haverá desestímulo ao próximo plantio da safra da seca, prejudicando a produção total de feijão que se espera para este ano-safra.

QUADRO 3

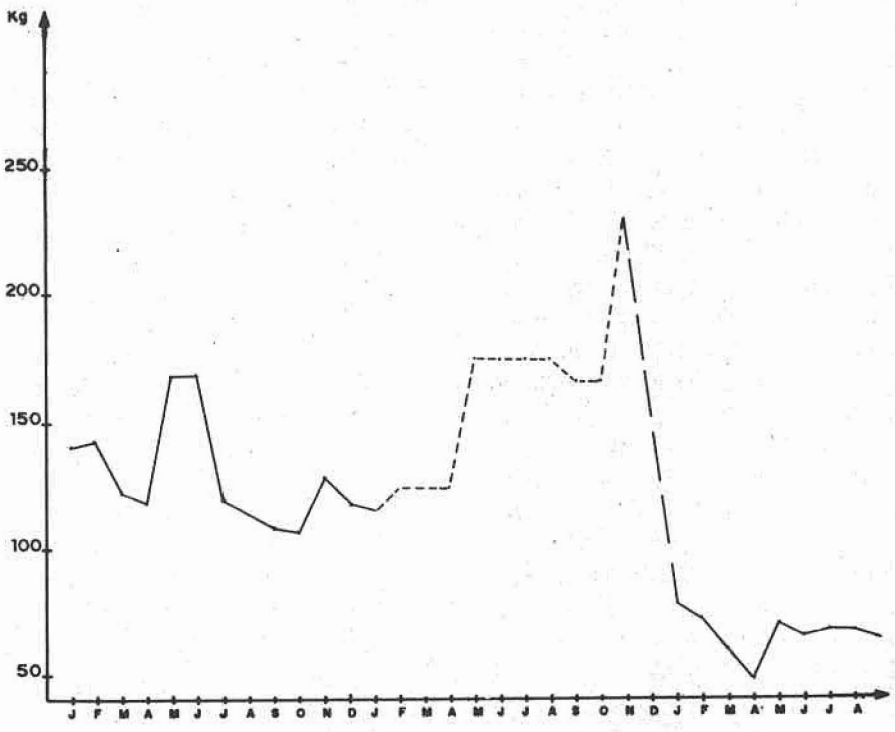
SÃO PAULO – Preços Médios Mensais do Feijão no Varejo de São Paulo – Médias Nominal e Real para 1970 – 1970 a 1981** – Cr$/kg (em Cr$ de 1981)*

Ano	Preço Nominal	Preço Real
1970	1.37	1.37
1971	1.63	1.35
1972	2.03	1.44
1973	5.08	3.13
1974	4.55	2.18
1975	6.18	2.32
1976	13.21	3.50
1977	15.18	2.82
1978	14.23	1.91
1979	21.48	1.87
1980	67.99	2.96
1981**	134.41	3.31

FONTE: IEA.
* deflacionado pelo IGP col. 2 – Conj. Econômica.
** 1º semestre.

GRÁFICO 3

RIO DE JANEIRO – Relação Salário Mínimo Mensal/Preço Feijão Preto no Varejo – Janeiro/1979 a Setembro/1981



FONTES: SUNAB, BACEN.
Obs.: Não houve informação de preço para dezembro de 1980.
(- - - corresponde às épocas de tabelamento)